

A REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NO ROMANCE *THE LAST OF THE MOHICANS*

Gladir da Silva Cabral*

Lauro Luis Souza de Henrique**

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo o estudo da obra *The last of the Mohicans*, de James Fenimore Cooper (1994), visando perceber a representação dos povos indígenas norte-americanos feita na obra. No contexto da guerra dos sete anos (1757), o romance revela uma mescla cultural importante, mostrando índios e brancos em diferentes perspectivas: lutando, morrendo, matando e, principalmente, adaptando-se. A obra revela como o processo de hibridização ocorre em virtude das inserções realizadas pelos homens brancos, como a religião cristã, os cavalos, o álcool e as armas de fogo.

Palavras-chave: Literatura. Identidade. Povos indígenas.

James Fenimore Cooper, escritor norte-americano nascido em 1789, escreveu acerca dos conflitos americanos no início de sua fundação como país, mais precisamente a Guerra dos Sete Anos (LAUTER, 1998). Sua obra mais importante é intitulada *The last of the Mohicans* (1994), pertencente à famosa série “The Leatherstocking Tales”, permanecendo a primeira mencionada como obra fundante do romantismo na literatura norte-americana em virtude de sua excelência em retratar a Guerra dos Sete Anos e os povos e conflitos ali presentes.

Propõe-se, neste artigo, um estudo da obra *The last of the Mohicans* com foco no entendimento de sua cultura e da construção da identidade, partindo da seguinte pergunta: Qual é a imagem dos povos indígenas representada no romance *The last of the Mohicans*, de James Fenimore Cooper?

Dois índios, Chingachgook e Uncas, juntamente com o principal herói da série, Hawk-eye, estão a caçar na mata quando encontram duas damas: Cora e

* Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc) – Criciúma – SC – Brasil. E-mail: gladirc@gmail.com

** Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Florianópolis – SC – Brasil. E-mail: laurodehenrique@gmail.com

Alice, e um oficial britânico, Heyward, sendo guiados por um índio chamado Magua, que se rebela e decide matar a todos. A partir daí, os heróis interferem no conflito e seguem protegendo as moças e o major com suas vidas, e, nesse caminho, muitas perseguições e combates ocorrem, surgindo por meio de diálogos uma narração precisa com diversas minúcias do continente norte-americano e dos povos ali inseridos.

No presente trabalho, parte-se da análise da obra de Cooper para verificar a representação dos povos indígenas em três pontos. Primeiramente, aborda-se a representação e sua influência na construção de uma imagem; em seguida, os indícios observados na obra e no contexto histórico da destruição e exclusão da cultura dos índios; e, em terceiro plano, o resultado de todo esse processo de mestiçagem cultural: o hibridismo, que envolve a mescla com o “outro”, o exterior, o que corrobora com posições do estudioso orientalista Edward Said (2007).

REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE

Em *The last of the Mohicans*, o narrador aponta características geográficas e idealiza o índio como herói imbatível (tal qual Hawk-eye), destemido e dotado de autossacrifício pelo outro – uma das mais nobres virtudes na perspectiva da cultura norte-americana. Ele também apresenta os povos brancos como invasores das terras dos povos indígenas, mostrando como heróis os índios aliados dos ingleses, e como vilões, os aliados dos franceses, o que pode ser visto até como uma característica do nacionalismo presente na estética do romantismo. Não se ignora também o fato de o narrador ser descendente de ingleses, fator importante da narrativa. Nesse sentido, como sugere Hall (2006), a narrativa que envolve o nacionalismo é dotada de imagens, símbolos e representações relevantes à compreensão da cultura de cada povo.

Em primeiro lugar, há a narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação (HALL, 2006, p. 52).

Tais características são explícitas na obra de James Fenimore Cooper (1994) ao retratar o choque cultural entre índios e brancos na guerra, sua posição: os vilões são os europeus. Tal postura sugere ao leitor a perspectiva de heroísmo indígena, por eles resistirem à conquista e à imposição europeia, como se pode ver na citação.

Os moicanos foram os donos do país primeiramente ocupado pelos europeus nesta parte do continente. Eles eram, por conseguinte, os primeiros a serem depositos; e o destino aparentemente inevitável de todos esses povos, que desaparecem ante o terrível congelamento, é representado como já tendo caído sobre eles. Há verdade suficiente na imagem para justificar o uso que foi feito disso¹ (COOPER, 1994, p. xii, tradução nossa).

¹ *“The Mohicans were the possessors of the country first occupied by the Europeans in this portion of the continent. They were, consequently, the first disposed; and the seemingly inevitable fate of all these people, who disappear before the nipping frost, is represented as having already befallen them. There is sufficient truth in the picture to justify the use that has been made of it”.*

Em seu capítulo introdutório, o autor já se coloca a favor dos povos indígenas e contra o massacre realizado. Em muitas partes da obra, o autor exalta os costumes indígenas, apontando seus feitos fantásticos: os heróis escapam com facilidade ou, como que por uma trama do destino, derrotam inimigos inventíveis, contam com ajuda dos deuses, dos elementos da natureza etc. Porém, eles são sempre vistos na obra como fugitivos ou sobreviventes, nunca como os dominadores.

Ele tira suas metáforas das nuvens, das estações, dos pássaros, das bestas e do mundo vegetal. Nisso, talvez, ele não se difere de qualquer outra raça energética e imaginativa, sendo compelido a fixar limites à fantasia pela experiência; mas o índio norte-americano veste suas ideias com uma roupa diferente da do africano, e que é oriental em si mesma. Seu idioma tem a riqueza e plenitude sentenciosa dos chineses. Ele expressará uma frase em uma palavra e qualificará o significado de uma oração inteira por uma sílaba; ele carregará significados diferentes até mesmo pelas inflexões mais simples da voz² (COOPER, 1994, p. v, tradução nossa).

Os povos indígenas são vistos como portadores de uma cultura rica e de grande dignidade no porte e na linguagem, concepção que pode ser relacionada com a ideia do nobre selvagem proposta por White (2001).

O conceito de “identidade”, como mencionado, é marcado por diferenças que variam em cada ambiente cultural. Kathryn Woodward (2007) compreende a identidade como sendo construída por meio do simbólico. O simbólico são peculiaridades culturais adotadas por um grupo que geram a diferença, como: músicas apreciadas por um grupo específico, marcas de cigarro, roupas etc. Não necessariamente cada item citado é melhor que o outro, eles apenas são utilizados por grupos diferentes e recebem valores em maior ou menor grau. Na análise, a mescla percebida do índio com o branco se encaixa nesse ponto: seu simbólico (roupas, armas, crenças, danças, lutas etc.), dentro de um contexto social e histórico específico, que é a guerra, é diferente e misturado aos novos povos, originando novos seres e novos símbolos que acarretam a mudança da identidade indígena e branca.

INSERÇÕES E MUDANÇAS NO CONTEXTO CULTURAL DOS POVOS INDÍGENAS

Para entender a mudança ocorrida na vida dos índios norte-americanos, é preciso analisar as inserções culturais trazidas pelos brancos e que foram o estopim das mudanças. Adotando aqui a visão de Sola (1995), apresentar-se-ão os principais fatores que influenciaram a vida dos povos indígenas norte-americanos. O autor propõe cinco tópicos-chave que foram as grandes “novidades” na transformação da cultura indígena: o cristianismo, o cavalo, o álcool, as armas de fogo e a própria miscigenação de raças. Um marco importante na defesa dos povos indígenas foi o livro de Dee Brown (1970), estudioso dos povos indígenas que teceu uma análise detalhada de como eles foram expulsos e massacrados.

2 *“He draws his metaphors from the clouds, the seasons, the birds, the beasts, and the vegetable world. In this, perhaps, he does no more than any other energetic and imaginative race would do, being compelled to set bounds to fancy by experience; but the North American Indian clothes his ideas in a dress which is different from that of the African, and is Oriental in itself. His language has the richness and sententious fullness of the Chinese. He will express a phrase in a word, and he will qualify the meaning of an entire sentence by a syllable; he will even convey different significations by the simplest inflections of the voice”.*

O cristianismo

As discussões religiosas sobre Deus e o homem presentes no livro acontecem em diferentes diálogos sempre enfatizando a crença religiosa dos povos indígenas como pecaminosa. Os nativos, politeístas, tinham diferentes crenças e adotavam importantes valores dotados de simbolismo e que eram tabus para os puritanos. Os povos europeus tinham uma posição religiosa forte contra tais crenças indígenas; David, uma das personagens, é um poeta meio místico, meio pregador itinerante que acompanha os heróis, refletindo constantemente sobre Deus e o destino, alegando sobre o destino do homem nas mãos e na natureza divina, princípio fundamental dos calvinistas:

*“Disseste bem”, respondeu David, “e captaste o verdadeiro espírito do Cristianismo. E aquele que é destinado a ser salvo será salvo e aquele destinado a ser condenado será condenado. Esta é a doutrina da verdade que consola e refrigera o verdadeiro crente”*³ (COOPER, 1994, p. 137, tradução nossa).

A discussão ocorre em relação à tomada de decisões de algumas das personagens vista como correta. Após alguma discussão entre os heróis da narrativa, surge um comentário de Hawk-eye levantando uma defesa dos povos indígenas. A personagem Hawk-eye indaga o poeta, que reflete sobre quão forte é a crença dos cristãos. “Está claro diante dos seus olhos’, retorquiu o batedor; e aquele que o possui não é mesquinho no seu uso. Ouvi dizer que há homens que leem livros para se convencer de que há um Deus”⁴ (COOPER, 1994, p. 138, tradução nossa). Nas palavras de Hawk-eye são evidentes a resistência e a crítica à proposta religiosa dos europeus.

O contraste histórico é importante nesse momento para mostrar como cada qual defende sua cultura. Os missionários viam ou sentiam-se na obrigação de romper com o que consideravam ser paganismo, dando educação e religião aos índios, o que foi uma lástima de acordo com Sola (1995), pois isso gerou confusão na mente dos povos, apagando muitas histórias, lendas e rituais indígenas; ou seja, tal posição destruiu, e muito, parte da cultura daqueles povos. O branco impôs uma nova religião, sendo essa muito forte, o que trouxe consequências desastrosas para as nações indígenas:

A imposição de uma nova religião aos índios contribuiu significativamente para a destruição de um dos principais pilares de sustentação da sociedade indígena. No momento em que os valores cristãos mostraram-se incapazes de substituir com êxito os antigos valores religiosos dos índios, ou de integrar as funções da vida social, a sociedade e as instituições indígenas perderam toda a sua razão de ser (SOLA, 1995, p. 29).

De acordo com Sola (1995), os povos indígenas tinham suas próprias crenças, rituais e compreensão da criação do universo; muitos de seus tratamentos para doenças, por meio de rituais e doutrinas de educação, perderam-se. O romance, por tratar-se de uma aventura, foca em uma perseguição seguida de lutas. O resultado é a reprodução dramática do conflito ideológico entre brancos

3 *“Thou sayest well,” returned David, ‘and hast caught the true spirit of Christianity. He that is to be saved will be saved, and he that is predestined to be damned will be damned. This is the doctrine of truth, and most consoling and refreshing it is to the true believer”*.

4 *“’Tis open before your eyes,’ returned the scout; ‘and he who owns it is not a niggard of its use. I have heard it said that there is men who read books to convince themselves there is a God”*.

e índios, originando novas questões sobre sua própria autenticidade. Os povos indígenas, como já fora dito, assimilaram, mesmo que relutantes, muitos traços da religião cristã. Os brancos alegavam terem, de acordo com Brown (1970), “destino manifesto”, dizendo serem donos da terra por direito divino. É preciso que se reconheça também que o cristianismo proposto pelos ingleses, de viés protestante, conflitava frontalmente com a proposta religiosa dos franceses, católica e romana.

O cavalo

Outra inserção importante que contribuiu de maneira positiva e negativa para o processo de confronto e dominação cultural foram os cavalos. Em alguns momentos, os cavalos são mencionados na obra de Cooper (1994), passando através de trilhas, sendo utilizados em perseguições ou fugas. Os cavalos, para os índios, foram importantes e muito utilizados em algumas regiões. Sola (1995) coloca que não havia burros, bois ou cavalos no continente americano, os espanhóis os trouxeram e soltaram no “novo mundo”. Com o tempo, eles foram multiplicando-se e foram adotados pelos índios para diferentes finalidades. Na obra, eles aparecem de forma discreta e é não menos importante ressaltar que nesse contexto de “mata fechada” eles não eram muito utilizados, sendo vistos como inapropriados em certos momentos, como numa perseguição em que a personagem Uncas revela suas qualidades de índio em distinguir marcas deixadas por cavalos e sua trajetória.

“Uncas foi bastante corajoso ao dizer que as bestas montadas pelos gentios”, continuou Olho-de-falcão, olhando, não sem interesse curioso, as éguas das senhoras, “plantavam as patas de um lado no chão ao mesmo tempo, que é o contrário dos movimentos normais de trote de todos os quadrúpedes que eu conheço, exceto o urso. E mesmo assim aqui estão os cavalos que sempre viajam dessa maneira, como viram meus próprios olhos e como o rastro deles mostrou-se por longas vinte milhas”⁵ (COOPER, 1994, p. 142, tradução nossa).

Esse foi um novo elemento que também trouxe influências positivas e negativas para os índios, como mencionado. Para o transporte, os animais foram muito utilizados em combate, transformando-se em grandes companheiros.

Por exemplo, utilizando apenas as rédeas, os índios conseguiram realizar verdadeiras façanhas como ficar em pé sobre o dorso do cavalo com apenas uma perna ou montar e desmontar, a pleno galope, com extrema rapidez (SOLA, 1995, p. 30).

Aparentemente, o cavalo parece ter sido uma dádiva, no entanto, como efeito negativo, os índios abandonaram vários costumes de atividades sedentárias, perdendo grande parte de suas produções agrícolas. Como instrumento de viagem, ele facilitou a migração dos povos expulsos de modo a acelerar o processo de fragmentação cultural.

⁵ *“Uncas was bold enough to say that the beasts ridden by the gentle ones,” continued Hawk-eye, glancing his eyes, not without curious interest, on the fillies of the ladies, “planted the legs of one side on the ground at the same time, which is contrary to the movements of all trotting four-footed animals of my knowledge, except the bear. And yet here are the horses that always journey in this manner, as my own eyes have seen, and as their trail has shown for twenty long miles”.*

O álcool

O álcool, visto hoje em nosso cotidiano como um problema, para os índios gerou uma rápida degeneração. O povo branco, ao introduzir o álcool entre as comunidades indígenas, gerou diversos problemas àquela sociedade, como a desorganização social, o estímulo à delinquência e à violência excessiva. Sola (1995) aponta o consumo de álcool como um forte elemento na decadência da cultura indígena; crianças eram esmagadas por índios cavalgando bêbados, brigas mortais, visão de espíritos falsos, tudo associado ao álcool, que constantemente gerava discussões.

Na obra temos o álcool como justificativa do vilão Magua para sua rebeldia e desejo de vingança, o que é um elemento importante no romance para contribuir com os estudos culturais. Naquela época e contexto as consequências foram devastadoras para os povos indígenas. Magua, o vilão principal do romance, em virtude do álcool, cometeu ações vergonhosas e foi punido pelos brancos, o que provocou sua ira.

“Justiça”, repetiu o índio, enquanto lançava um olhar oblíquo da mais feroz expressão ao semblante inflexível dela. “Eu sou justiça para fazer o mal e então sou castigado por isto?” Magua não era ele mesmo; era a cachaça que agia por ele! Mas Munro não acreditou nisso. O chefe Huron foi amarrado perante todos os guerreiros cara-pálida e chicoteado como um cachorro⁶ (COOPER, 1994, p. 120, tradução nossa)

Onde antes reinavam paz, silêncio e respeito, agora havia brigas, imposição, violência, sendo os índios, em virtude do pouco ou nenhum contato com álcool, muito sensíveis à bebida: alguns acreditavam ver espíritos ou apaziguar a alma usufruindo da bebida. Para eles, o álcool era também uma maneira de escapar da opressão branca, o que gerou expressivo consumo e venda dessa bebida, que se tornou um grande inimigo da cultura indígena.

Armas de fogo

O romance é abundante em relação às armas de fogo. Essas aparecem em toda a obra, até certo ponto de modo exacerbado, colocadas pelo autor de maneira minuciosa, descritas como forte elemento de construção de identidade. A própria descrição das personagens já mostra traços da cultura branca: algumas armas da personagem Chigachgook, como citado pelo autor, por exemplo, são de manufatura inglesa. Moisés (2008) já coloca isso como uma inferência do narrador, pois tal afirmação só confirma a posição ideológica do autor na obra, convencendo o leitor da mescla cultural já realizada.

Sola (1995) enfatiza a importância das armas para os povos indígenas, que após tal inserção, em virtude da baixa utilidade e da precariedade das suas armas feitas de galhos de árvores, pedras etc., e vendo o poderio e a eficiência dos materiais das armas de fogo e brancas dos europeus, decidiram aderir a elas com diferentes objetivos:

6 *“Justice” repeated the Indian, casting an oblique glance of the most ferocious expression at her unyielding countenance. “Is I justice to make evil, and then punish for it? Magua was not himself; it was the firewater the spoke and acted for him! But Munro did not believe it. The Huron chief was tied up before all the pale-faced warrior and whipped like a dog”.*

Outra forma de obterem armas era a partir de alianças com franceses ou ingleses, graças às hostilidades entre colonos: à medida que se intensificavam a rivalidade e as guerras entre os colonos pelo domínio dos territórios e do comércio de peles com os índios cada lado procurava estabelecer suas próprias alianças com tribos também rivais. Através dessas alianças, os índios iroqueses (aliados dos ingleses), algonquinos e hurões (inimigos dos franceses) receberam inúmeros suprimentos de armas (SOLA, 1995, p. 32).

As armas foram adotadas pelos nativos tanto em virtude da sua eficácia para resistir contra os outros povos índios, brancos, franceses etc. quanto para caça. Em termos de identidade, a arma de fogo é um instrumento, “símbolo” de poder. Apesar das diferentes utilidades das armas, o seu uso inconsequente gerou grandes problemas para os indígenas. Eles abatiam mais animais para venda e obtenção de produtos do que para sobrevivência, o que acarretou o desaparecimento de parte da fauna local e, dessa forma, também dos meios de sobrevivência, bem como sua alimentação e vestimentas, que eram geradas a partir desses animais.

HIBRIDISMO

De acordo com Sola (1995), os fatores mencionados causaram grande abalo na estrutura social indígena, contribuindo para a sua migração. A migração gerou decadência na sociedade e na cultura, o que separou famílias, tradições e costumes. Os povos que antes viviam em certas regiões tiveram de se mudar e conviver em outros locais, mesclando, assim, diferentes culturas e povos. Essa constatação parte da perspectiva de que cada grupo contém traços, mesmo que sutis, que fazem distinção ideológica, de crenças, e que, respectivamente, em contato como outro, geram novas identidades. A fala de Chingachgook ilustra seu sentimento de perda e desorientação, “identidade em crise” devido à miscigenação dos diferentes membros da sua raça.

Minha tribo é o avô das nações, mas eu sou um homem não misturado. O sangue dos chefes está em minhas veias, onde permanecerá para sempre. Os holandeses aportaram e deram para meu povo a cachaça; eles beberam até que os céus e a terra parecessem encontrar-se, e pensaram tolamente que tinham encontrado o Grande Espírito. Então eles se separaram da terra. Pé por pé, eles foram expulsos da costa, até que eu, isto é, um chefe Sagamore, não mais visse o sol brilhar através das árvores e não mais visitasse as sepulturas de meus pais! (COOPER, 1994, p. 37, tradução nossa).

Já distante de seu povo, a personagem sofre alteração de identidade, como os elementos simbólicos mencionados.

Cristianismo, cavalo, álcool, armas de fogo, tudo isso contribuiu para a crise de identidade indígena, que se perdeu e fundiu-se com outras. E como explicita Hall (2006), a mescla pode gerar construções identitárias positivas ou negativas, pois a nova identidade é composta de várias outras que são adotadas perante

7 *“My tribe is the grandfather of the nations, but I am an unmixed man. The blood of chiefs in my veins, where it must stay forever. The Dutch landed, and gave my people the firewater; they drank until the heavens and the earth seemed to meet, and they foolishly thought they had found the Great Spirit. Then they parted with their land. Foot by foot, they were driven back from the shores, until I, that am a chief and a Sagamore, have never seen the sun shine but through the trees, and have never visited the graves of my fathers!”*

contextos específicos, e essas são constituídas de posições e crenças ideológicas distintas, e se mal administradas, geram conflito em diferentes posições políticas. Contudo, o ser que surgiu, chamado por García-Canclini (2003) de híbrido, tinha, em sua identidade, uma mistura de valores simbólicos que estavam sendo apagados e substituídos. Não havia entre as diferentes culturas diálogo ou discussão de igualdade em que predominasse o respeito; os índios eram tratados como se fossem animais, como membros de uma cultura pecaminosa e não cristã.

Exemplificando como pequenos fatores contribuem em muito para a destruição de uma cultura, segue-se o entendimento do conceito de hibridismo, partindo da personagem Hawk-eye, pois esse conceito exprime o novo sujeito composto das misturas culturais, ou seja, o sujeito reconfigurado, dotado de princípios e simbologias novas que foram construídas pela interação com o outro, como diria Bakhtin (2010).

O conceito de hibridismo adequa-se ao estudo proposto, pois essa “mistura” que a palavra suscita aplica-se em grande parte ao retrato cultural visto no romance. Falar de hibridismo é falar de mesclas culturais, diz García-Canclini (2003), ou seja, é um discurso que basicamente aponta como diferentes culturas interagem gerando novas, modificando-se ou, muitas vezes, desaparecendo. Na obra, quando as personagens interagem surgem posições ideológicas conflitantes, montando assim um retrato da cultura híbrida, ficando essa em constante modificação por meio de renúncias e abandono de tradições. Para a compreensão desse processo na obra o escopo principal são as personagens, pois nelas e em seus diálogos aparecem suas posições ideológicas, principalmente na personagem Hawk-eye, visto essa sentir-se deslocada por sua origem.

Tendo em conta os elementos que se miscigenaram à cultura indígena, modificando-a, temos um novo ser dotado de construções simbólicas que o diferenciam do europeu e do francês, do índio e de qualquer outra raça ou etnia, um indígena hibridizado. Tal mistura é observada em autores estudiosos da cultura indígena como Lindsey Claire Smith (2006, p. 529), para quem,

*[...] a fim de avaliar a contribuição de Cooper com precisão para a literatura americana, especialmente reconhecer a relevância no presente dos assuntos que ele eleva em O último dos moicanos, torna-se útil a leitura do texto com atenção particular para o hibridismo cultural que ele descreve.*⁸

O olhar para o conceito de “hibridismo” é importante, pois revela fatos importantes contribuintes da imagem construída dos povos indígenas. Nesse processo, eles assumem diferentes posições conforme o contexto, ou seja, seus personagens interagem de maneiras distintas perante o desenvolver da ação externa do romance. De acordo com Moisés (2008), a ação externa é um importante item de análise, pois as personagens em meio a essa “ação” revelam suas particularidades em tomadas de decisões, lutas, diálogos etc. O contexto de inserção e os elementos narrativos, usados para interação entre autor/personagem/obra, e Hawk-eye são boas ferramentas para retratar a mescla cultural no romance. Astuto, forte e sábio, Hawk-eye tem características novas, virtudes do novo “ser híbrido” que evoluiu das mestiçagens e de diferentes interações vivenciadas. Tais simbologias já apresentadas variam de objeto, ideologias, crenças e costumes

8 *“In order to accurately assess Cooper’s contribution to American literature, especially to recognize the relevance in the present day of the issues he raises in The Last of the Mohicans, a reading of the text with particular attention to the cultural hybridity he depicts is useful”.*

que, vistos por diferentes olhos, causam preconceito, dúvida e questionamentos. García-Canclini (2003, p. xix) exemplifica o conceito de hibridização como: “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

Essa mescla cultural gerou o ser híbrido dotado de dúvidas e conflitos, e a obra de Cooper (1994) preserva muitos traços culturais e inserções dentro dessa nova cultura, já mestiça, de maneira a retratá-la com grande nobreza e a apresentar o povo “americano” em construção. No contexto do romantismo do século XIX, o autor, em suas obras, constrói a representação do que seria uma identidade americana: ele arquiteta uma obra que abrange os povos que foram conquistados e massacrados. Não somente os homens aparecem em estados “híbridos”, as mulheres na obra também se distinguem nessa condição, como Cora, filha do Coronel Munro. Ele, quando fala de sua filha, fala sobre sua origem:

*Eu tinha visto muitas regiões e tinha derramado muito sangue em terras diferentes, antes de o dever me chamar para as ilhas da Índia Ocidental. Lá estava meu destino de formar um vínculo com alguém que com o tempo se tornou minha esposa e a mãe de Cora*⁹ (COOPER, 1994, p. 187, tradução nossa).

Cora é filha do coronel Munro com outra mulher, uma possível afrodescendente, aparecendo aqui uma mestiçagem diferente da indígena, que também se torna bom exemplo de mestiçagem, pois tal processo, segundo Smith (2006, p. 537, tradução nossa), apresenta uma personagem híbrida “mais forte que a irmã”, sendo essa de origem “nobre”.

*Como filha de Coronel Munro e uma mulher descendente de africanos escravizados nas Índias Ocidentais, Cora é retratada a partir de mistura de ancestrais, encarnação da união racial do seu pai. A aparência de Cora distingue-se da de sua irmã Alice, puramente escocesa, e as duas proveem um comentário sobre a feminilidade em um espaço americano separado dos vestuários elegantes da Europa. Enquanto Alice é tímida e assustada, Cora é apaixonada, independente e valente, remanescente das outras heroínas do popular século dezanove, suas afeições estão fora da esfera doméstica.*¹⁰

O autor faz uso, então, dos povos indígenas e de outras etnias para representar a formação social de um povo que luta, reage, adapta-se, torna-se cada vez mais forte e heroico, isto é, as bases da ideologia norte-americana. Hawk-eye, Cora, Chingachgook, dentre outras personagens, interagem mostrando-se sempre em conflitos, questionando-se sobre os valores e a sociedade em que estão. Nesses momentos de interação, os povos ali presentes são idealizados como sobreviventes, heroicos, seus feitos são enaltecidos.

IDOLATRAÇÃO TARDIA

Na perspectiva dos estudos culturais, pode-se dizer que o passado é reinventado e utilizado como ancoragem das construções identitárias. Para construir a

9 “I had seen many regions, and had shed much blood in different lands, before duty called me to the islands of the West Indies. There it was my lot to form a connection with one who in time became my wife, and the mother of Cora”.

10 “As the child of Colonel Munro and a woman descended from Africans enslaved in the West Indies, Cora is portrayed as of mixed ancestry, an embodiment of her father’s cross-racial union. Cora’s diverse background distinguishes her from her purely Scottish sister Alice, and the two provide a commentary on femininity in an American space separate from the fineries of Europe. While Alice is timid and easily frightened into faints, Cora is passionate, independent, and brave, reminiscent of other heroines of popular nineteenth-century fiction yet unique in her effectiveness in a wilderness setting outside of the domestic sphere”.

identidade do país, volta-se às origens, ou seja, retratam-se as diferentes culturas do passado subjugadas, assimiladas e até mesmo aniquiladas em nome do mito fundacional. Cada cultura que atravessa um período turbulento de guerras e conflitos acaba por alterar seu modo de vida, e todo e qualquer povo que se choca culturalmente com outro se modifica mesmo involuntariamente, e após o término da batalha o conquistador analisa em nova perspectiva os costumes do conquistado, alterando assim sua identidade e gerando uma idolatração tardia, como exemplifica White (2001, p. 207):

É significativo, a meu ver, que essa idolatração dos nativos do Novo Mundo tenha ocorrido somente depois que fora decidido o conflito entre os europeus e os nativos, e quando, portanto, ela não mais poderia impedir a exploração dos últimos pelos primeiros. Desse ângulo, a fetichização do homem Selvagem, a atribuição a ele de poderes sobre-humanos (isto é, nobres) constitui apenas o estágio final da elaboração do paradoxo implícito na concepção de uma humanidade que também é selvagem.

Hawk-eye é a principal personagem do autor, pois todos os livros da série “Leatherstocking Tales” contam com sua participação, mesmo que o foco não seja nele, atuando como herói salvador e sendo imortalizado como o mais puro exemplo de herói romântico. Ele é sempre dotado das mais nobres virtudes e experiências, com os simbolismos já citados como as vestimentas e, em muitas partes da obra, com um comportamento diferente do das outras personagens, o que contribui para o entendimento da lançada “exaltação tardia” e do hibridismo. A exaltação, como já foi dito, é conceito-chave para o entendimento da obra, visto que pode ser observada em diferentes partes da narrativa, como na descrição da personagem Hawk-eye:

A aparência do homem branco, a julgar pelas partes não escondidas pelas roupas, aparentava como a de alguém que teve sofrimentos e provações desde a mocidade. A aparência dele, embora muscular, era mais atenuada que plena; mas cada nervo e músculo pareciam fortes e endurecidos pelo excesso de exposição e trabalho. Ele usava uma camisa de caça verde-floresta, com bordas de amarelo enfraquecido, e um boné de verão de peles que tinham sido tosquiadas. Ele também usava uma faca na cinta, como as que costumam amarrar o escasso vestuário dos indígenas, mas nenhuma machadinha. Os mocassins dele eram ornamentados à moda alegre dos nativos, enquanto a única peça íntima que aparecia debaixo da túnica de caça era um par de perneiras de camurça amarradas nos lados e presas aos joelhos com tendões de cervo. Uma bolsa e um chifre completavam seus atavios pessoais, embora um rifle de grande comprimento, que a teoria dos brancos mais engenhosos tinha lhe ensinado como a mais perigosa de todas as armas de fogo, estivesse apoiado em um galho de árvore próximo¹¹ (COOPER, 1994, p. 33, tradução nossa).

11 “The frame of the white man judging by such parts as were not concealed by his clothes, was like that one who had know hardships and exertion from his earliest youth. His person, though muscular, was rather attenuated than full; but every nerve and muscle appeared strung and indurated by unremitted exposure and toil. He wore a hunting shirt of forest green, fringed with faded yellow, and a summer cap of skins which had been shorn of their fur. He also bore a knife in a girdle of wampum, like that which confined the scanty garments of the Indian, but no tomahawk. His moccasins were ornamented after the gay fashion of the natives, while the only part of his underdress which appeared below the hunting frock was a pair of buckskin leggings that laced at the sides, and which were gartered above the knees with the sinews of a deer. A pouch and horn completed his personal accouterments, though a rifle of great length which the theory of the more ingenious whites had taught them was the most dangerous of all firearms, leaned against a neighboring sapling”.

Dotado de sagacidade, habilidade no manejo das armas e, como cita o autor, portando a arma mais perigosa, o rifle longo, Hawk-eye escoltava o grupo através das densas e perigosas matas. Em sua descrição, já constam os simbolismos citados por Woodward (2007), como as roupas, a minúcia com que é detalhada sua vestimenta e, principalmente, o cabelo, que não é mencionado, diferentemente de Chingachgook, cujo corte “moicano” é perfeitamente detalhado, traço que é adotado por muitos membros de diferentes culturas do mundo pela sua diferença dos cortes de cabelo tradicionais.

Seu corpo, quase nu, apresentava um emblema terrível de morte, desenhado com cores misturadas de branco e preto. A cabeça quase raspada, onde não havia cabelo algum exceto o topete famoso e guerreiro, estava sem ornamento algum, com a exceção de uma única pena de águia que cruzava a sua coroa e pendia sobre o ombro esquerdo. Uma machadinha e uma faca de escalpe, de fabricação inglesa, estavam em sua cinta; enquanto um rifle curto do exército, do tipo usado pelos policiais brancos para armar seus aliados selvagens, deitava-se descuidadamente sobre seu joelho nu e musculoso. O tórax dilatado, membros bem formados e o semblante sério desse guerreiro denotavam que ele tinha alcançado o vigor dos seus dias, embora nenhum sintoma de decadência parecesse ainda ter debilitado a sua masculinidade¹² (COOPER, 1994, p. 32, tradução nossa).

Chingachgook, por sua vez, é descrito usando uma faca de manufatura inglesa, apresentando mais um elemento simbólico da mescla do indígena/europeu, que é também um dos hibridismos citados que estão constantemente aparecendo no romance. Esses elementos não aparecem somente nas personagens Chingachgook e Hawk-eye, mas em todos os demais membros inseridos em sua esfera social. Entretanto, escolheu-se Hawk-eye porque essa personagem destaca-se em suas falas e participações no romance, e de acordo com Moisés (2008), os recursos narrativos adotados pelo autor, como diálogos, são fundamentais. Bakhtin (2010) também ressalta a importância do diálogo, pois nele ideologias e posições acerca do mundo e do contexto manifestam-se polifonicamente. A personagem Hawk-eye, por sua vez, apresenta falas importantes que envolvem em diferentes âmbitos discussões sobre morte, conflito, miscigenação, sacrifício etc., revelando assim uma nova identidade.

Hawk-eye, como apresentado anteriormente, é um ser híbrido que, simbolizando o herói romântico dotado de força e imbatível, destaca-se na narrativa em diferentes pontos: lutas, fugas, falas dotadas de sabedoria etc. Criado por índios, porém filho de brancos, ele mesmo se questiona sobre sua identidade. Cooper cria uma personagem que representa o herói americano, uma mescla dos índios com os europeus. Em cada esfera social – europeu, índio, francês – ele obteve diferentes nomes, diferentes identidades, e em cada uma delas pode-se constatar a importância da linguagem para cada cultura, pois a mesma língua carrega traços particulares marcados por diferenças que também influenciam e muito a construção da identidade nacional. Pelo processo de hibridismo, diferentes

12 “His body, which was nearly naked, presented a terrific emblem of death, drawn in intermingled colors of white and black. His closely shaved head, on which no other hair than the well-known and chivalrous scalping tuft was preserved, was without ornament of any kind, with the exception of a solitary eagle’s plume that crossed his crown and depended over the left shoulder. A tomahawk and scalping knife, of English manufacture, were in his girdle; while a short military rifle, of sort with which the policy of the whites armed their savage allies, lay carelessly across his bare and sinewy knee. The expanded chest, full-formed limbs, and grave countenance of this warrior would denote that he had reached the vigor of his days, though no symptoms of decay appeared to have yet weakened his manhood”.

culturas em constante choque no mundo globalizado modificam-se, alterando sua identidade, como cita Hall (2006). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico (HALL, 2006, p. 89). Tudo o que há são misturas incontáveis de culturas e movimentos sociais.

THE REPRESENTATION OF THE INDIANS IN THE NOVEL *THE LAST OF THE MOHICANS*

Abstract: This paper aims at showing how the Native American people are represented in James Fenimore Cooper’s *The last of the Mohicans* (1994). During the Seven Years War, a very important cultural clash takes place in which the Indians were seen under different perspectives: fighting, dying, killing, and most of the time adapting to always changing situation. The novel reveals how the process of hybridization is developed according to some of the Europeans’ innovations: the Christian religion, horses, alcohol, and guns.

Keywords: Literature. Identity. First Nations.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BROWN, D. A. *Enterrem meu coração na curva do rio: uma história índia do oeste americano*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1970.
- COOPER, J. F. *The last of the Mohicans*. London: Penguin Books, 1994.
- GARCÍA-CANCLINI, N. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LAUTER, P. (Ed.). *The heath anthology of American literature*. 3. ed. Boston: Houghton Maffin Company, 1998. v. 1.
- MOISÉS, M. *A análise literária*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SMITH, L. C. Cross-Cultural Hybridity in James Fenimore Cooper’s *The last of the Mohicans*. *American Transcendental Quarterly*, v. 20, n. 3, p. 527-552, 2006.
- SOLA, J. A. *Os índios norte-americanos: cinco séculos de luta e opressão*. São Paulo: Moderna, 1995.
- WHITE, H. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

Recebido em maio de 2013.
Aprovado em agosto de 2014.